

Sobre a sexualidade

Michel Foucault

Sobre a sexualidade

Cursos e trabalhos de Michel Foucault
antes do Collège de France

A sexualidade

Curso dado na Universidade de Clermont-Ferrand (1964)

seguido por

O discurso da sexualidade

Curso dado na Universidade de Vincennes (1969)

Edição estabelecida por Claude-Olivier Doron,
sob a responsabilidade de François Ewald

Tradução:
Vera Ribeiro

Copyright © 2018 by Éditions du Seuil/ Gallimard

Edição estabelecida, sob a responsabilidade de François Ewald, por Claude-Olivier Doron.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La Sexualité

Capa

Bloco Gráfico

Imagem de capa

Monte de pedras, de Eduardo Sancinetti

Preparação

Tamara Sender

Índices

Gabriella Russano

Revisão

Maitê Acunzo

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Foucault, Michel, 1926-1984

Sobre a sexualidade : cursos e trabalhos de Michel Foucault antes do Collège de France / Michel Foucault ; tradução Vera Ribeiro. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

Título original: La Sexualité.

ISBN 978-65-5979-028-9

I. Filosofia 2. Sexualidade I. Título.

21-72691

CDD: 306.7

Índice para catálogo sistemático:

I. Sexualidade : Abordagem antropológica : Sociologia 306.7

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

Sumário

Suma das aulas 7

Aviso 15

Regras de estabelecimento dos textos 17

A sexualidade

Curso dado na Universidade de Clermont-Ferrand (1964)

Aula 1: Introdução 21

Aula 2: O conhecimento científico da sexualidade 43

Aula 3: O comportamento sexual 62

Aula 4: As perversões 89

Aula 5: A sexualidade infantil 109

O discurso da sexualidade

Curso dado na Universidade de Vincennes (1969)

Aula 1: O discurso da sexualidade 143

Aula 2: As mudanças do século XVIII 154

Anexo à Aula 2 158

Aula 3: O discurso da sexualidade (3) 167

Anexo à Aula 3 171

Aula 4: As formas jurídicas do casamento até o Código Civil 179

Aula 5: Epistemologização da sexualidade	196
Aula 6: A biologia da sexualidade	207
Aula 7: A utopia sexual	236
<i>Anexo à Aula 7</i>	249
Anexo: Excerto do <i>Caderno</i> n. 8, verde, setembro de 1969	266
Situação dos cursos	273
<i>Índice de assuntos</i>	327
<i>Índice onomástico</i>	330

Suma das aulas

A sexualidade:

Curso dado na Universidade de Clermont-Ferrand (1964)

Aula 1: Introdução

Interrogar as relações entre a sexualidade e nossa cultura. A oposição entre o biológico da sexualidade e a cultura é característica da civilização ocidental. Definição do que se deve entender por “cultura ocidental”.

A. Sincronicamente: monogamia e patriarcado. Desequilíbrio das relações homem-mulher e mecanismos compensatórios. Implica uma estrutura e problemas que encontramos, sejam quais forem os regimes políticos.

B. Diacronicamente: transformações que marcam nossa cultura contemporânea desde o século XIX. 1. Evolução dos mecanismos compensadores dos desequilíbrios homens-mulheres: tendência para uma igualação progressiva e lógica de complementaridade homens-mulheres. 2. Transformação das relações entre direito e sexualidade: a sexualidade deixa de desempenhar um papel central no casamento como instituição jurídica. 3. Aparecimento de uma “consciência problemática da sexualidade”: a sexualidade como tema antropológico; a sexualidade como lugar privilegiado dos valores morais e subjetivos; a sexualidade como espaço de contestação e de transgressão radical: experiência trágica do homem moderno. Sade, no limiar da modernidade.

Aula 2: O conhecimento científico da sexualidade

Especificidade europeia moderna de uma ciência da sexualidade. Lugar central desta nas ciências humanas: lugar de intricação privilegiada do

psicológico e do fisiológico, bem como do individual e do social. A sexualidade ocupa o lugar do contrato e da imaginação na era clássica, e da religião e da sensação no século XIX. Essa centralidade explica por que a psicanálise é a chave das ciências humanas. Três campos das ciências humanas da sexualidade: a. psicofisiologia; b. psicopatologia; c. psicossociologia. Nelas, a sexualidade é um objeto negativo, apreendido em seus desvios, exceto na psicofisiologia. 1. A psicofisiologia da sexualidade: A. Breve histórico da biologia da sexualidade. B. Os diferentes modos da sexualidade: a sexualidade é um modo entre outros da reprodução; a própria distinção dos sexos é complexa, variável e de níveis múltiplos na natureza. C. Os determinantes da sexualidade: 1. Os hormônios: história de sua descoberta e caracterização. 2. O sexo genético: teorias da determinação genética dos sexos. A ideia de “sexo” remete a duas noções distintas (genética e genital) e lança mão de um jogo complexo de determinações e diferenciações.

Aula 3: O comportamento sexual

A psicologia só conhece o comportamento sexual através de seus desvios. Pobreza de conhecimentos sobre a sexualidade “normal” e confusões em torno da “normalidade sexual”: importância das distorções entre frequência e normalidade. A ideia de sexualidade normal confunde a ideia de uma finalidade biológica e toda uma rede de normas e proibições sociais. Em vez de partir dessa “sexualidade normal”, tomar o conjunto das condutas sexuais em sua mais ampla distribuição (psicopatologia, psicossociologia); começar por problematizar a noção de comportamento sexual a partir da sexualidade animal. 1. A sexualidade animal: comportamento instintivo, mas profundamente complexo, plástico e ligado às condições do meio. Definição de comportamento instintivo, segundo Lorenz e Tinbergen. A. A motivação sexual: limiares hormonais, estímulos externos, efeitos de grupo e sociabilidade. B. Desenrolar do ato sexual: série de condutas complexas, que ultrapassam em muito o ato procriador e põem em jogo a relação com o espaço, com os outros, com o meio. 1. Atividade de apetência; 2. Território sexual; 3. Exibição sexual; 4. Ato consumador. Portanto, o

comportamento sexual depende, ao mesmo tempo, de um comando hormonal e de um sistema de sinais que obedecem a um código, logo, a uma mensagem. Intricação do biológico, do meio e da relação com os outros: a sexualidade humana não constitui um hápax no mundo biológico. No entanto, existem cortes: o mais importante concerne à relação da sexualidade humana com a Lei, a proibição e a transgressão. Explicitação destas relações: a conduta sexual humana pressupõe necessariamente um jogo de regras e proibições; sempre implica, portanto, a transgressão possível. Situação paradoxal da sexualidade humana: ao mesmo tempo, a natureza por trás de qualquer regra, base natural de qualquer vínculo; sempre implicando a regra e a transgressão. Daí as duas linguagens tradicionais da experiência da sexualidade no Ocidente: lirismo do amor e erotismo da transgressão. O século XIX inventa uma nova linguagem: a psicopatologia da sexualidade.

Aula 4: As perversões

A própria ideia de sexualidade formou-se apenas a partir do saber sobre as perversões. A experiência da sexualidade está longe de ser evidente: só se dá, a princípio, através das negatividades. A. História do saber sobre as perversões sexuais: até o século XVIII, confundidas no mundo da desrazão e do confinamento; no fim do século XVIII, o confinamento se diferencia: o doente ou o criminoso. Que status dar à quase loucura ou quase delinquência sexual? Caso de Sade em Charenton. A transgressão sexual tem um status flutuante. É relacionada com a doença, sem se confundir com ela. Exemplo de Krafft-Ebing: classificações e origem das perversões. B. No fim do século XIX: estados intersexuais e teoria de Marañón. C. A análise freudiana das perversões. Sua importância e sua originalidade. 1. Uma análise formal das perversões segundo o objeto e segundo o objetivo: a perversão não é sintoma de outra coisa; é, como a sexualidade, um processo com um objeto e um objetivo; 2. Uma análise de seu conteúdo; 3. Uma análise das relações entre perversões, doenças e vida normal: há sempre elementos de perversão presentes na vida normal; relações de significação e de esquivas entre as neuroses e as perversões. A perversão congênita como base comum entre neuroses, perversões e sexualidade normal: a sexualidade infantil.

Aula 5: A sexualidade infantil

1. Longo desconhecimento e resistência ao estudo direto da sexualidade infantil. I. Razões culturais: história da infância (séculos XVIII-XIX). Postulado da pureza da criança no século XIX. A guerra e a crise econômica do começo do século XX formularam de uma nova maneira a questão da pedagogia. 2. Razões psicológicas: amnésia e relações neuróticas na infância: a infância é sempre apreendida de maneira indireta pelos adultos. 3. Técnica psicanalítica: dificuldades levantadas pela psicanálise infantil. II. Análise da sexualidade infantil. A. Os elementos: uma sexualidade não genital, incidente sobre o próprio corpo, ligada a zonas erógenas diferentes e feita de tendências parciais. Ela pressupõe intensas atividades interpretativas. Distinguir interpretações e fantasias. As diversas interpretações. Relação do conhecimento e da linguagem com o sadismo e o assassinato. A sexualidade e a história: relação com a Lei, relação com os outros e experiência trágica. B. As formas de organização: 1. A organização oral; 2. A organização sádico-anal; 3. A organização genital. A questão da sexualidade feminina.

O discurso da sexualidade:

Curso dado na Universidade de Vincennes (1969)

Aula 1: O discurso da sexualidade

Distinguir a análise do discurso da sexualidade: 1. De uma análise da maneira pela qual o discurso é lugar de emergência ou objeto de investimento do desejo; 2. De uma história da ciência da sexualidade (biologia, psicologia, antropologia da sexualidade). Fazer uma análise da sexualidade como referencial possível de diferentes discursos (fenômeno histórico recente). Indagar como a sexualidade se epistemologizou: como se tornou campo de saber e campo de libertação. Cinco grupos de estudos: a. Transformações da experiência da sexualidade no fim do século XVIII; b. Epistemologização da sexualidade; c. Descoberta da etiologia sexual das neuroses; d. Sexualidade como referencial do discurso literário; e. Tema da liberação sexual.

Aula 2: As mudanças do século XVIII

As transformações da sexualidade como prática no nível econômico.

I. Rompimento dos equilíbrios demográficos e crescimento econômico. Séculos xv e xvi: colapso seguido por expansão que esbarrou em diversos entraves: malthusianismo de fato, inovações técnicas, centralização política. Estagnação-depressão. 2. Século xviii: crescimento econômico e estagnação demográfica: necessidade de mão de obra; demanda de população de uma classe para outra. Consequências: instituições assistenciais, estatística, teoria populacionista, campanha contra o celibato, tema da natalidade natural, controle da própria sexualidade pela burguesia (contrato matrimonial). A sexualidade torna-se uma ciência natural e um conhecimento normativo. 3. Observação metodológica sobre as relações ideologia/ciência: como pensar a articulação entre os processos que afetam uma formação social e a epistemologização da sexualidade?

Aula 3: O discurso da sexualidade (3)

I. Resumo do curso anterior. Como um processo econômico dá origem a elementos heterogêneos (instituições, direito, temas ideológicos, objetos de conhecimento). II. Observações metodológicas. Esses elementos formam um sistema funcional. Esse sistema pressupõe uma série de operações que devem ser analisadas em seus conteúdos, suas formas e seus efeitos. Essas operações definem a “codificação ideológica primária” de um processo econômico, que não é nem a ideologia no sentido estrito nem o sistema dos elementos heterogêneos, mas as regras que asseguram sua formação. A distinguir do “efeito ideológico específico”, isto é, das proposições não científicas produzidas por essa codificação; e do “funcionamento ideológico secundário”, isto é, de como esse efeito específico atua nos diversos elementos do sistema, inclusive nas ciências, e não apenas como obstáculo. III. Conclusões. Não há campo ideológico unitário: a oposição ideologia/ciência não é pertinente; a codificação ideológica primária não é nem um conjunto de representações nem um inconsciente, mas um conjunto de regras implementado por uma classe social; é uma prática de classe sem sujeito. A luta ideológica não é uma questão de consciência

nem uma questão de ciência, mas de práticas sociais: não pertinência do modelo bachelardiano-althusseriano do “corte” e do trabalho teórico.

Aula 4: As formas jurídicas do casamento até o Código Civil

A sexualidade e o casamento se inscrevem num conjunto de regularidades. Regras matrimoniais fracas das sociedades indo-europeias. Mas, a partir da Idade Média, tendência a tornar o casamento mais complicado (imposições jurídicas, em especial); isso caminha *pari passu* com uma crítica ideológica do casamento e uma vontade de liberação da sexualidade. I. O casamento cristão: tardio, superpõe o casamento-sacramento ao casamento romano; inicialmente, casamento fácil e sem coerção social. II. Aumento do custo social do casamento: Concílio de Trento: endurecimento dos controles sociais e das imposições; o peso da família aumenta. Exemplo do casamento entre os pequenos camponeses (Bourdieu). III. O casamento na sociedade burguesa: 1. A Revolução: temas ideológicos e medidas jurídicas: o casamento-contrato e o divórcio. 2. O Código Civil: o casamento não é assemelhável a um contrato; a autorização do divórcio não é resultado do contrato, mas da fraqueza humana. O casamento, elemento natural e estruturante da sociedade; a sexualidade como ameaça perturbadora, que deve ser enquadrada pelo casamento e excluída socialmente.

Aula 5: Epistemologização da sexualidade

Estudar como a sexualidade pode ter se tornado objeto de práticas discursivas. Quais são as relações com a loucura? 1. Características comuns: pressas entre o orgânico e o social; objetos de discursos diferentes; discursos na primeira pessoa, mas excluídos; desenvolvimento de práticas científicas visando libertá-las da ideologia. Dessas analogias decorre o tema recente de um parentesco entre loucura e sexualidade. 2. Mas também grandes diferenças: a. a loucura é sempre excluída; há uma divisão entre sexualidade tolerada e excluída; b. homogeneidade sincrônica dos diferentes discursos sobre a loucura; diversidade sincrônica das regras de formação dos discursos sobre a sexualidade; c. mudança dos referenciais dos discursos sobre a loucura em épocas diferentes; o referente da sexualidade

permanece globalmente o mesmo. Portanto, há duas maneiras de fazer sua arqueologia. Lugar da psicanálise nesse quadro: ela pretende dar um referente único à loucura e fornecer uma homogeneidade discursiva à sexualidade. O que deve ser uma arqueologia da sexualidade?

Aula 6: A biologia da sexualidade

Existência de um saber não epistemológico sobre a sexualidade, ligado a múltiplas práticas (sexualidade humana, agronomia, medicina, religião); verbalizado sob formas diferentes (justificação ad hoc, teorias); impossível opor prática verdadeira e falsa ideologia; a ciência da sexualidade não emerge como uma retomada racional dessas práticas, mas mantém algumas relações com elas. Manter a autonomia da ciência da sexualidade, localizando-a no seio de uma dada formação social. A sexualidade das plantas como fio condutor. I. Desconhecimento da sexualidade das plantas até o século XVII, embora existissem práticas visando-a, fossem admitidos sexos nas plantas etc. Esse desconhecimento não está ligado a analogias-obstáculos nem a uma falta de conceitos: explica-se pelas regras da prática discursiva dos naturalistas. II. Características dessa prática discursiva: 1. Continuidade dos fenômenos de crescimento individual e de reprodução: nenhuma especificidade da função sexual; 2. Status atribuído ao indivíduo: entre indivíduos, há apenas semelhanças e diferenças: nada de realidade biológica metaindividual, ditando sua lei aos indivíduos; 3. Os limites entre indivíduos são intransponíveis: não há continuum metaindividual nem indivíduo-meio. Consequência: impossibilidade de pensar uma função sexual própria. Em termos mais latos: um discurso é uma prática pautada por regras e suas resistências estão ligadas às regras que o organizam como prática (versus ideologia como representação). III. As transformações: 1. Dissociação entre os caracteres masculinos/ femininos e os indivíduos; 2. A fecundação não é um estímulo, mas um transporte de elementos: importância do meio; 3. Inversão da relação entre sexualidade e indivíduos: a sexualidade é uma matriz metaindividual que dá aos indivíduos suas leis. Conclusão: a morte, a sexualidade e a história como constituintes do biológico. Descontinuidade e limite, conceitos funda-

mentais da biologia, contra o continuum da história natural. A filosofia humanista é uma reação à estrutura epistemológica da biologia para dar sentido à morte, à sexualidade e à história.

Aula 7: A utopia sexual

i. Distinguir utopias e heterotopias. As heterotopias sexuais: heterogeneidade das normas sexuais conforme lugares diferentes numa sociedade. Caso das sociedades primitivas e das nossas: algumas instituições são alternadores de sexualidade. Às vezes, ligadas a temas utópicos: o sabá como mistura de utopia e heterotopia. ii. Retomada da introdução: relações entre utopias e heterotopias. Utopias homotópicas e heterotópicas. As utopias sexuais: importância do tema sexual nas utopias (Sade, Campanella), seja a utopia integradora — retorno a uma sexualidade normal impedida pela sociedade —, seja a utopia transgressiva — uma sexualidade radicalmente desnormalizada (Sade, *História de O*). Presença desses elementos utópicos em Marcuse e Reich. iii. Análise comparada das utopias transgressivas e integradoras: 1. Desejo-diferença-sujeito: a soberania do desejo institui uma diferença absoluta (Sade, *História de O*) versus distribuição harmoniosa das diferenças, eliminando o desejo (Comte, Fourier, Rétif de La Bretonne); 2. Lei e desregramento: lei antissocial e não natural, assimétrica e desregrada, na utopia transgressiva, versus devolução de sua lei natural à sexualidade, em que a conduta adere à regra, na utopia integradora. iv. O problema da revolução sexual: Marcuse ou a dupla utopia. Libertar a sexualidade normal, alienada pela sociedade. Crítica dos diferentes postulados de Marcuse: como eles se distanciam da análise freudiana.